

## O PODER DA MÍDIA E A MUDANÇA DISCURSIVA NA FORMA DE VER O MST

**Adilson da Costa Selvano**

Graduando em Jornalismo  
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**Rafael Furlan Lo Giudice**

Docente-Mestre; Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

### RESUMO

O presente artigo analisa o posicionamento da mídia nacional no que se refere às ações do MST, na Jornada Nacional de Lutas das Mulheres Camponesas, realizadas em março 2015. Relações entre grupos hegemônicos e mídias de massa, como os grandes jornais e revistas de circulação nacional serão abordados. O artigo reflete também sobre o poder da mídia em influenciar e direcionar a opinião pública da sociedade civil, trabalhando o discurso midiático dos grupos hegemônicos de forma que seu “discurso” represente a única versão, transformada em um simulacro da opinião pública nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Mídia; MST.

### INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores sem Terra, mais conhecido como MST, principalmente nos últimos anos, com o destaque dado pelos meios de comunicação, tornou-se assunto nacional. Muitos estudos acadêmicos demonstram o quanto às abordagens da grande mídia desmoralizam e criminalizam o movimento. Por outro lado, a mídia massiva é necessária ao MST para poder ter maior alcance frente a outros grupos sociais da sociedade brasileira e poder posicionar seu discurso. As representações expressas pela mídia, embora não ditem as opiniões dos receptores, acabam por irrigar seu imaginário. Esses meios de comunicação muitas vezes são os únicos canais disponíveis aos cidadãos para obterem informações.

Este trabalho pretende analisar a abordagem dos grandes meios de comunicação de massa, no intuito de revelar quais as intenções ideológicas que estão por trás dos discursos da mídia.

A metodologia utilizada será pela análise do discurso, já que partiremos da leitura analítica do conteúdo de algumas publicações e matérias de alguns meios de

comunicação, para tentar nos aproximar de uma visão geral do posicionamento das mídias massivas em relação às ações do MST, na Jornada Nacional de Lutas das Mulheres Camponesas. Portanto, a proposta desta investigação é partir do particular para o geral.

A abordagem geral da grande mídia nacional no que se refere às ações da Jornada Nacional de Luta é de negatividade, sem se preocupar em dar visibilidade aos motivos alegados pelo MST.

## **1 MST: ORIGEM E PRINCÍPIOS**

Em clara oposição ao processo de globalização neoliberal e destacando-se como uma das maiores forças sociais da América Latina, o MST possui um projeto popular que contrasta com a hegemonia dos grandes mercados.

O MST surge da aglutinação de trabalhadores rurais sem-terra presentes no I Encontro Nacional dos Sem-Terra, em janeiro de 1984. Nesse evento, realizado em Cascavel no Paraná, participaram 80 representantes de 13 estados brasileiros, que decidiram fundar um movimento de massas autônomo que lutaria pela bandeira da reforma agrária. Um ano depois, nos dias 29, 30 e 31 de janeiro de 1985 é fundada a organização no 1º Congresso Nacional dos Sem-Terra. O MST nasce como agrupamento das lutas que já ocorriam, simultaneamente, nos estados do Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A discussão pela autonomia do movimento que estava surgindo era resultado da forte presença da Igreja Católica que, por meio das Comunidades Eclesiais de Base e da Comissão Pastoral da Terra, investia na formação dos militantes sem-terra. O trabalho desses setores progressistas da Igreja foi à mola propulsora das ocupações de terra, visto que elas proporcionavam espaços de socialização política entre os camponeses expropriados. Contudo, o movimento decidiu desenvolver suas lutas sem estar organicamente vinculado às pastorais sociais.

Além do aspecto ideológico, ligado à Teologia da Libertação, podemos citar segundo Fernandes e Stédile (2001) a questão socioeconômica e a situação política como fatores que impulsionaram a origem do MST. Economicamente, havia a opção por um modelo agrário voltado à exportação, opção esta que gerava concentração

fundiária, êxodo rural (graças ao processo de industrialização) e altos índices de exclusão no campo. A mecanização da lavoura empreende a chegada do capitalismo no meio rural. Politicamente, havia o ressurgimento das greves operárias em 1978 e 1979 e a luta pela democratização do país, pauta principal da recém-articulada sociedade civil.

Segundo Silva (2004), a modernização do setor agrário assentou-se no tripé: militarização da questão agrária, expropriação dos camponeses e aumento da exploração dos trabalhadores, sendo “muitos dos quais [...] reduzidos à condição de escravos” (p. 22.):

[...] o projeto modernizador traz em seu bojo a violência, entendida não somente como violência física – assassinatos, destruição material e cultural – mas também como negação de direitos aos trabalhadores, portanto, de cidadania. O resultado desta dupla violência foram milhares de pessoas desenraizadas social e culturalmente, perambulando de um lugar para o outro em busca de sobrevivência, sem eira nem beira, já que foram obrigados a deixar para trás tudo o que possuíam (SILVA, 2004, p. 40).

Foram essas pessoas, esses “errantes” na opinião de Silva (2004), que começaram a se reunir pela reivindicação da reforma agrária. Podemos caracterizar três principais momentos políticos vividos pelo movimento e que são retratados pelas suas próprias palavras de ordem:

De 79 a 85/86: a forte participação da Igreja Católica e a emergência de novos atores sociais. A luta pela conquista social do direito e a consciência das lutas históricas. De 85/86 a 88/89: o fortalecimento da forma de organização, o avanço das lutas pela terra, pela reforma agrária e pela conquista da democracia, a realização do Primeiro Congresso do MST, o fracasso do PNRA, o surgimento da UDR e a derrota da reforma agrária na constituinte. De 88/89 até hoje (96), as palavras de ordem registram o processo de territorialização do MST e os novos desafios: produção, educação, formação, etc., que nasceram com o desenvolvimento político e social do próprio Movimento, e que começou a elaborar uma matriz discursiva característica da sua identidade em formação (FERNANDES, 1996, p.230).

Apoiados na Constituição Federal, cujo artigo 186 obriga a desapropriação de terras por interesse social, o MST avança na reivindicação pela Reforma Agrária e no combate aos latifundiários e ao Estado que, conforme afirma Stédile (2001), não democratiza as relações sociais no campo e não leva o desenvolvimento para o meio rural. Assim, o movimento dá continuidade a um histórico de lutas populares e sustenta sua organização na ligação com a realidade do camponês e na avaliação

política constante e prática, de acordo com seus princípios organizativos, como a direção coletiva, o estudo e o vínculo com a base. Dentre as formas de luta, destaca-se a ocupação, o acampamento permanente, as marchas pelas rodovias, os jejuns e as greves de fome, a ocupação de prédios públicos, o acampamento nas capitais, o acampamento diante de bancos, as vigílias e as manifestações nas grandes cidades (MORISAWA, 2001).

## 2 O DISCURSO DA MÍDIA TELEVISIVA

Com a evolução dos veículos de comunicação e as mudanças nos processos tecnológicos, faz-se necessário pensar em uma nova forma de praticar o jornalismo sobre a integração da análise do discurso. Nesse processo, a convergência midiática e a forma de entender os discursos jornalísticos e também a mudança da estrutura da notícia, fizeram com que o processo midiático fosse mudado, levando em consideração a linha editorial do veículo e também suas vozes discursivas por detrás da notícia.

Segundo Habermas (1984, p.210):

Essa função mediadora passa do público para aquelas instituições que, como as associações, se constituíram a partir da esfera privada ou, como os partidos, a partir da esfera pública e que, internamente, exercem agora o poder e a distribuição do poder num jogo com o aparelho do Estado; nisso, preocupam-se, através das mídias que lhes fossem favoráveis, no sentido de obter do público mediatizado um assentimento ou ao menos uma tolerância... Entrementes, ela (a mídia) possibilita a peculiar ambivalência de uma dominação sobre a dominação da opinião não pública: serve à manipulação do público na mesma medida que à manipulação ante ele. O jornalismo crítico é suprimido pelo manipulativo.

Segundo Barbeiro (2002), “A televisão é um fenômeno de massa de grande impacto na vida social. É um dispositivo audiovisual através do qual a sociedade pode divulgar os seus feitos, anseios, sonhos e crenças para toda a humanidade”.

Com o poder de reunir o ver e o ouvir, a TV faz com que o telespectador admire este veículo de comunicação e passe a utilizá-lo com frequência. Um meio de divulgação de massa que busca a cada dia uma linguagem diferente para atrair um público que está casa vez mais exigente e que busca qualidade nos serviços oferecidos. “A cultura da televisão é até hoje o laço entre as classes sociais, sem contudo substituir a luta das classes [...]” (WOLTON, 1996, p. 155).

Verifica-se que esse processo baseado nos princípios públicos, proporciona em tempo real a difusão do conteúdo, além de ser um espaço de promoção de um ambiente híbrido onde televisão e internet se complementam na sociedade.

Essa análise afetou o ser humano em diversos fatores, principalmente na formação discursiva e no princípio de entender essa mídia como um sistema discursivo social dentro da sociedade.

Para se produzir todo o conteúdo de uma TV, novos mecanismos de produção da notícia tiveram que ser modificados, e o jornalista modificou também a sua maneira de trabalho, interagindo diretamente com as novas mídias e tendo contato direto com o ciberespaço.

### **3 O MODO DE ALGUNS TELEJORNAIS VEREM O MST**

Os assuntos abordados constantemente pelos telejornais fazem com que o público veja e compreenda o discurso passado por várias abordagens. Por meio de uma linguagem diversa, de acordo com as características do veículo a linguagem passa a ser uma ação de construção ou desconstrução.

Conforme Maingueneau (1997, p.29):

A linguagem é considerada uma forma de ação; cada ato de fala é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado essa prática discursiva trabalha a representação do jornalista não mais como o mediador de informações que detinha o “poder e o saber” de definir e controlar o que o telespectador/leitor iria saber/conhecer.

No mês de março de 2015, milhares de Sem Terra realizaram ações por todo o país. As ações chegaram em 23 estados e mobilizaram mais de 30 mil Sem Terra, com marchas, ocupações de terra, prédios públicos, bancos e trancamento de rodovias.

#### **3.1 Jornal Nacional**

O jornalista Willian Bonner da Rede Globo de Televisão noticiou uma ação do MST realizada no dia cinco de março, no Jornal Nacional do mesmo dia, ao chamar a matéria destacou: “um grupo de mulheres do Movimento dos Trabalhadores

Sem Terra invadiu uma empresa de papel e celulose no interior de São Paulo. Em minutos, todo o material de uma pesquisa inédita foi destruído”. Na matéria de mais de 1 minuto e meio, o jornal deu ênfase nas “mais de mil mulheres, armadas com machados, facões e pedaços de pau” e ouviu o gerente executivo da empresa “invadida”. Nenhuma das camponesas foram ouvidas na matéria. Na volta para a bancada, à apresentadora Renata Vasconcelos completou apenas que “o MST divulgou que a ação teve o objetivo de impedir o plantio em escala comercial do eucalipto transgênico”.

### 3.2 Jornal da Record

O Jornal da Record no giro de notícias com apresentação da jornalista Carla Cecato, no mesmo dia, destacou “que milhares de mudas modificadas geneticamente foram destruídas por integrantes do MST”.

No que refere à apresentação das imagens das matérias nas referidas emissoras de televisão, os integrantes do Movimento são sempre representados como pessoas baderneiras. São valorizadas as imagens da ação do MST em consonância com o discurso de que a “destruição de mudas transgênicas” seria uma reivindicação totalmente deslocada das questões da reforma agrária e da luta do movimento. Abaixo pode-se ver algumas imagens da matéria citada.

**Figura 1:** Mulheres do Movimento sem terra em manifestação



**Fonte:** Youtube (2015).

**Figura 2:** Mulheres do Movimento sem terra em manifestação



Fonte: Youtube (2015).

**Figura 3:** Mulheres do Movimento sem terra em manifestação



Fonte: Youtube (2015).

**Figura 4:** Viveiros de mudas destruídos durante manifestação do MST



Fonte: Youtube (2015).

Percebe-se que as matérias das Redes Globo e Record são tendenciosas e revelam duas importantes características das mídias de massa no Brasil. A primeira é a posição dos grandes meios de comunicação, que se posiciona ao lado das grandes elites e a outra é a capacidade de desqualificação de qualquer discurso que não vão de encontro com as convicções pessoais daqueles que mantem o monopólio midiático.

Para Araújo (2002, p. 220):

Nessa luta, a mídia ocupa uma posição estratégica, pela sua reconhecida capacidade de criar realidades e agendar o debate público. No processo de legitimação discursiva, indispensável para o campo das políticas públicas, quem consegue visibilidade midiática – seja por apoio ou contestação – aumenta seu capital simbólico [...]. Se considerarmos que a mídia, mais que um ator político proeminente, com discurso próprio, é atualmente o principal locus dos embates sociais, fica fácil entender o caráter estratégico dos modos de dizer e de mostrar; de concorrer discursivamente; de construir um regime de verdade.

Com essas características as grandes mídias de massa no Brasil atuam no sentido da espetacularização da notícia, buscando assim dar um direcionamento a opinião pública. Debord (2000, p. 20) desvela a conexão entre mídia e ordem social, sob a ótica do espetáculo midiático, sendo que:

Se o espetáculo, tomado sob o aspecto restrito dos “meios de comunicação de massa”, que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém ao automovimento total da sociedade [...]. O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem atual faz a respeito de si mesma, seu monólogo laudatório.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grandes meios de comunicação de massa no Brasil estão ligados diretamente com as grandes corporações capitalistas, seja por meio de publicidade, seja por meio de negociatas. Tal ligação interfere na imparcialidade no que se refere aos fatos que tratam dos interesses dessas corporações. Nesse sentido eles tentam a qualquer custo desqualificar as motivações do MST, que são sempre esvaziadas em seus discursos midiáticos, tentando focar a construção do sentido das mensagens na “violência” e “arruaça” empregada pelo MST em suas mobilizações.

Ao transformar as notícias em espetáculo, esses veículos estão claramente manipulando a opinião pública. Manipulação que é aplicada com sucesso, por sinal, já que a mídia ainda exerce um tipo de controle sobre o sujeito que está em casa acompanhando passivamente os noticiários da televisão ou lendo seu jornal – esse controle é ainda mais eficiente quando o receptor está de alguma forma alienado do contexto político, econômico e ecológico que essa grande mídia representa ou estão ligadas ideologicamente ou financeiramente.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inesita. **Ligações estratégicas:** comunicação, políticas públicas e intervenção social in Estratégias e culturas da comunicação. Brasília: Ed. UNB, 2002.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERNANDES, Bernardo Mançano e STÉDILE, João Pedro. **Brava Gente:** A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST: Formação e Territorialização em São Paulo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo.** Petrópolis: Vozes, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** 3ª ed. Campinas: Pontes; Unicamp, 1997.

MENDEZ, Arcadio Sabido. *Teoria de la hegemonia em Gramsci. Yucatán: Ed. Universidad Autónoma de Yucatán, 2004.*

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST.** São Paulo: Expressão Popilar, 2001.

PERUZZO, Cícilia M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra: experiência e memória.** São Paulo: UNESP, 2004.

YOUTUBE. **Mulheres do MST invade fábrica e destrói pesquisas genéticas.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/03/grupo-de-mulheres-do-mst-invade-fabrica-e-destroi-pesquisas-geneticas.html>>. Acesso em: 15 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **VERGONHA!!! Mulheres do MST destroem 15 anos de pesquisa em biotecnologia.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KqvEF-t7EMM>>. Acesso em: 15 set. 2015.